

JOSÉ MANUEL SIMÕES APRESENTOU ONTEM LIVRO E DOCUMENTÁRIOS

Em busca dos índios de Potiguara

O professor universitário fez várias visitas aos índios da reserva Potiguara, sendo que numa das vezes viveu 14 meses seguidos na selva. Dos conhecimentos recolhidos elaborou uma tese de doutoramento, a base do livro agora lançado, e ainda dois documentários

■ **Helder Almeida**

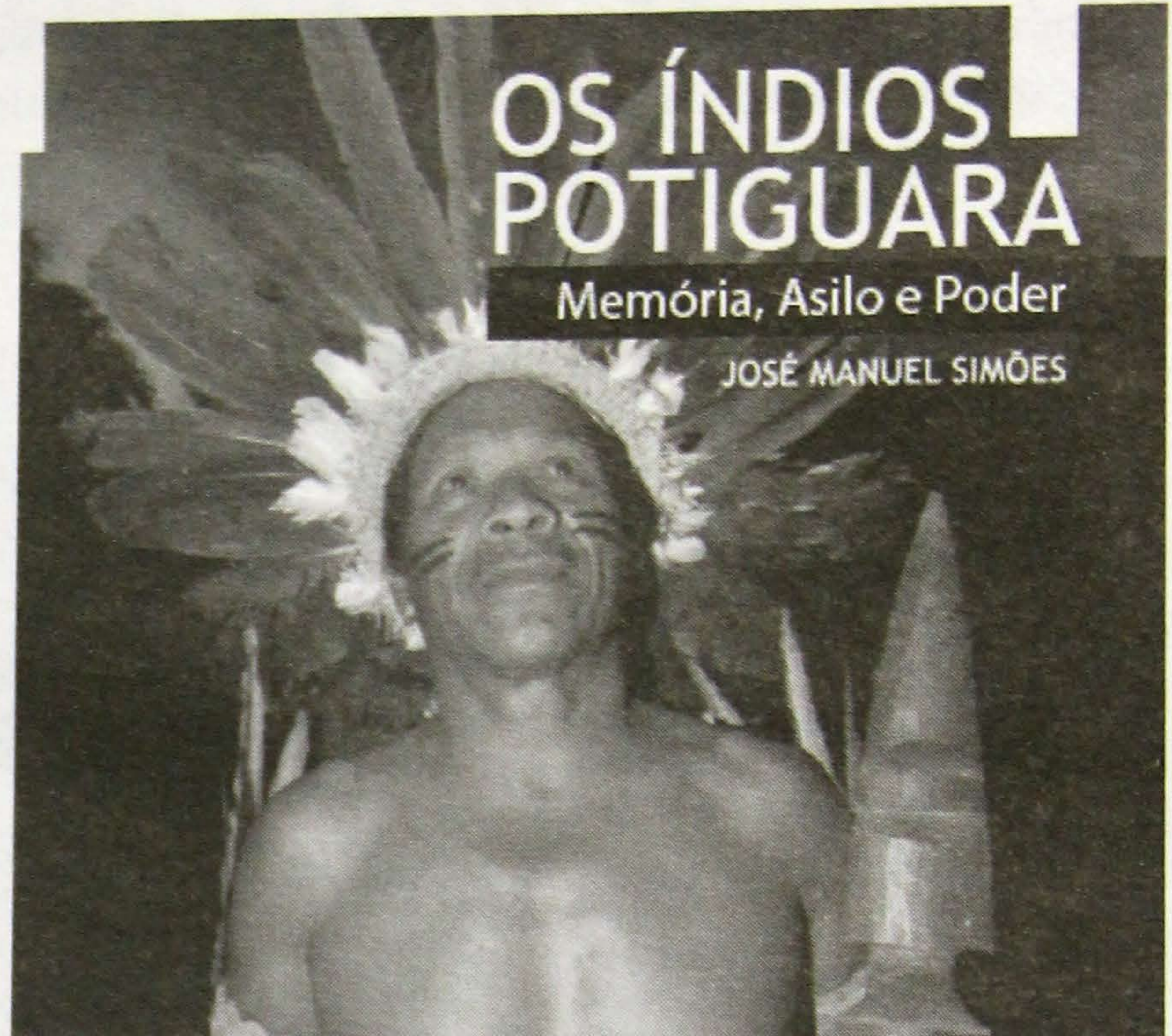
Foi a curiosidade que levou José Manuel Simões a embrenhar-se pela selva amazónica à procura dos Índios Potiguara. O primeiro contacto deu-se em 1989, como recorda ao JTM, mas a reacção não foi melhor e depois de os índios o terem recebido com alguma agressividade, tendo chegado a ser ameaçado com setas, Simões teve de voltar para trás, lamentando ter perdido a oportunidade de conhecer aquela tribo.

De facto, não era para menos, aquela era “a primeira vez que tinham visto um branco!”. Mas 13 anos depois voltou e um infeliz acidente abriu-lhe o caminho para os indígenas que queria conhecer. Numa volta pelo Brasil que o levou a conhecer todos os estados do país, voltou a embrenhar-se na selva à procura da tribo mas algo totalmente inesperado aconteceu.

Um ultraleve caiu mesmo em frente a José Manuel Simões, com dois tripulantes, que ficaram em muito mau estado. Desatou então a correr até à tribo para pedir socorro e, com alguma dificuldade, lá conseguiu explicar a alguém que fosse até à estrada mais próxima e trouxesse ajuda, o que veio acontecer. Os dois tripulantes acabaram por se salvar. E José Manuel Simões acabou por ganhar um “passaporte” para contactar de forma mais próxima com aqueles índios (cerca de 5.000), que habitam uma reserva territorial e biológica situada no extremo norte do estado da Paraíba e constituída por 32 aldeias.

“Treze anos depois ia com receio e se não fosse a queda do avião não teria dado para os conhecer”, admite. E é com esta estória que abre o livro, chamado precisamente “Índios Potiguara, Memória, Asilo e Poder”, que ontem apresentou na Livraria Portuguesa. “O livro começa com a minha chegada, eu para eles fui o mensageiro de Deus, foi assim que eles me receberam porque tinha ido pedir ajuda por causa do acidente”, conta.

Foi nesse momento que começou o relacionamento com a tribo e que, pouco depois, nasceu a ideia de fazer um estudo, que iria resultar numa tese de doutoramento e neste livro. “Depois de ter começado a visitá-los comecei a notar uma grande mudança na tribo, com a chegada da electricidade às



Obra está à venda a partir de hoje na Livraria Portuguesa

primeira aldeias, e a consequente introdução da televisão, então quis registar o modo de viver deles antes que desaparecesse”, diz o académico que, viveu 14 meses seguidos com os indígenas.

Para uma tribo fechada, acabou por ser a presença de Simões a influenciar a abertura ao exterior. Aquele grupo vivia numa reserva de entrada limitada e não recebiam ninguém. Acabaram por verificar as vantagens de se mostrarem aos forasteiros. “Os turistas passaram a ir lá com algum controlo e a tribo começou a mostrar o artesanato que produzia e a cultura deles acabou por renascer com essa abertura”.

Resumidamente, a memória que o autor descreve no título da obra advém dos rituais ancestrais praticados, o asilo no sentido de viverem numa reserva, uma forma do Estado brasileiro os controlar, e o poder porque o seu discurso acaba por ser de poder, “quase político”, como lembra Simões. De recordar que aqueles índios falam um “português açucarado, com uma mistura de tupi-guarani e com fortes influências dos jesuítas de 1500”.

Em 2014, José Manuel Simões pretende regressar à tribo e mostrar um documentário que realizou já posteriormente sobre eles. “Quero filmar as reacções deles ao verem-se no filme, sei que eles nunca se viram nem sequer em fotografias”.

O livro está à venda por 200 patacas na Livraria Portuguesa a partir de hoje e à disposição vão estar ainda dois documentários: um mais curto, de 25 minutos, com uma linguagem mais televisiva (pelo preço de 100 patacas) e outro maior, de 55 minutos, e com uma linguagem mais cinematográfica (e pelo preço de 150 patacas).